

A METODOLOGIA CAMARÁ E OS DESAFIOS DE UMA ORGANIZAÇÃO ITINERANTE

Amanda Giron Galindo¹

Resumo

Este artigo busca trazer elementos para reconhecer a Metodologia Camará enquanto uma nova metodologia que é criada cotidianamente pelos camaradas da ONG Centro Camará de Pesquisa e Apoio à infância e à adolescência em São Vicente. Para dar conta dessa tarefa, trouxemos narrativas de encontros, bem como composições possíveis entre pistas do método da cartografia de Passos, aprendizagem inventiva de Kastrup, potências de encontros de Spinoza, espaço potencial de Winnicott e conceito de território de Deleuze e Guattari, acreditando que são todos elementos importantes para dizer as bases e as apostas políticas dessa Metodologia Camará, sabendo que a elucidação dela não se encerra aqui.

Palavras-chave: Metodologia; Camará; território.

O Centro Camará de Pesquisa e Apoio à infância e à adolescência, o Camará como é conhecido, é uma organização não-governamental fundada em 1997 e sua sede no município de São Vicente, litoral sul de São Paulo.

O Camará tem por missão promover a inclusão e a participação de crianças e jovens na rede social ampliada, enquanto sujeitos desejantes e de direitos, priorizando o atendimento de adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e social (CREDICARD, 2005). Sua ação se expande para as famílias e comunidades as quais se insere, uma vez que o cuidado e a educação são sempre contextualizados e, portanto, o território ganha especial atenção nos projetos.

A metodologia utilizada pela organização se tornou um diferencial, ela está alicerçada em diversas metodologias, em variados apoios científicos e artísticos, mas se dá na vida, no presente, na experiência, e é única, é própria, por isso a chamamos de “Metodologia Camará”. Para entender como ela se dá traremos algumas pistas de suas relações científicas, artísticas e trechos de narrativas que possam compor essa rede metodológica para entendermos o caráter instituinte desta Metodologia Camará.

Ela se aproxima do método cartográfico à medida que suas intervenções são mergulhos na experiência, que agenciam teoria e prática num mesmo plano de produção, ou coemergência, que também é chamado de plano da experiência. (PASSOS & BARROS, 2009). As ações se dão ali, no cotidiano, em ato. Uma casa que pega fogo, uma grávida que tem seu bebê roubado na maternidade, uma vizinha que quer deixar o camará mais bonito e por isso pinta seus vasos na entrada da sede, uma assembléia de bairro, histórias que vão constituindo essa organização, que são Camará.

O Camará aposta na arte como dispositivo atrelado a um comprometimento com os processos de criação e com a produção de subjetividades. As atividades podem conter expressões artísticas, como a dança, o artesanato, a música, o teatro, mas extrapolam a arte, porque investem também no protagonismo dos sujeitos, no questionamento da participação política e social no mundo, no lúdico e na composição coletiva criativa.

¹ Mestranda do Programa Ensino em Ciências da Saúde na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Acompanhante Terapêutica da equipe TRAJETOS em Santos/SP. E-mail: amandagiron@yahoo.com.br

Recordo aqui uma cena interessante: na semana de comemoração da Luta Antimanicomial, em um evento num auditório de uma universidade santista juntam-se militantes, estudantes, profissionais da rede de saúde e crianças, sim, muitas crianças. Após as falas dos palestrantes abriu-se um espaço em que o microfone estava disponível para outras falas. As crianças, muito mais desinibidas que os adultos participantes começam a falar. Reivindicam por espaços para brincar, por saúde, por lutas e uma das falas que mais chamou atenção foi de um jovem que se dizia tímido, mas que tinha ido ao Fórum de Educação Mundial em Brasília junto com o Camará e que lá ele percebeu o quanto era importante a participação política dos jovens.

Proporcionar espaços em que as crianças e os jovens possam se posicionar, falar, criar. O Camará aposta nesse tipo de proposta, e busca sempre coletivizar as questões, ouvindo os participantes, sempre em roda, horizontalizando os saberes, as falas, procurando ouvir das crianças e dos jovens as questões que eles consideram importantes para as suas vidas. O constante processo de participação nas atividades, no pensar junto com as crianças e os adolescentes, no repensar as propostas, faz com que a metodologia trace no percurso as suas metas. Considerando a inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre o pesquisar e o intervir, a metodologia Camará também é cartográfica. (PASSOS & BARROS, 2009).

O brincar também é considerado um relevante elemento de processos de subjetivação. A Metodologia Camará, ao investir neste lugar, o qual Winnicott chamou de espaço potencial, está abrindo espaço para a experiência criativa das crianças e adolescentes e oferece sustentação à essas experiências que se desenvolvem dentro de certa continuidade do espaço-tempo e que fundam uma nova forma de viver como brincar. (FRANCO, 2003)

Juntar diversas escolas da região de São Vicente e lotar uma sala de cinema às nove da manhã. Crianças, adolescentes, professores, estudantes da UNIFESP, camaradas... lá estávamos nós reunidos para assistirmos “Promessas de um Novo Mundo”, e refletirmos, com a ajuda do filme, sobre a guerra entre Palestina e Israel. O filme traz a visão das crianças sobre os conflitos na região, fala-se sobre preconceito, religião, tradição, família, curiosidade, amizade e violência. Essas são questões que nos permeiam, que encontram reflexos em nosso dia-a-dia, e fazer essa discussão através da arte e da participação em uma passeata por direitos humanos - isso é Camará.

Uma metodologia que aposta na aprendizagem inventiva, que assim como coloca Kastrup (2001) se dá através da invenção de problemas, e não pela solução dos problemas.

[...] a aprendizagem não é entendida como passagem do não-saber ao saber, não fornece apenas as condições empíricas do saber, nem é uma transição ou uma preparação que desaparece com a solução ou resultado. A aprendizagem, é sobretudo, invenção de problemas, é experiência de problematização. A experiência de problematização distingue-se da experiência de reconhecimento. (KASTRUP, 2001, p.17)

Essas problematizações são processos coletivos e também individuais, eles acontecem ao serem colocadas em análise diversas situações, como por exemplo, em uma reunião de planejamento de um passeio a um parque aquático lembro-me das crianças levantarem questões sobre os trajes de banho, as dúvidas iniciais eram sobre ir de biquíni ou sunga, mas ao colocarmos essas relações de vergonha na roda, trouxemos elementos para discutir relações de gênero, violência sexual, exposição do corpo e sexualidade, tradição patriarcal dentre tantas outras questões, e eram as dúvidas que nos impulsionavam a pensar, a criar relações, a questionar, a criticar, e esses são processos dessa aprendizagem que se faz na invenção de novos problemas.

Não podemos supor de antemão tudo o que pode acontecer nas reuniões, nos grupos, nas assembléias, e essa é a jóia preciosa da imprevisibilidade dos encontros. Somos afetados nos encontros, e sentimos o efeito dessa ação sobre nosso corpo. Spinoza nos diz que os encontros alteram nossa potência de agir. (JÚNIOR, 2008)

Então a experiência é vívida, é corporal, é respeitada e sentida. Elas podem ser entendidas como um saber-fazer, um saber que emerge do fazer para um sujeito exposto às experiências. Experiências tantas de sentir os cheiros, os estranhamentos com o novo, as sensações dos encontros, ver as delicadezas e os detalhes, sentir medo, sentir paixão, estar sensível ao mundo.

Uma metodologia itinerante. Percebe-se pelas ações relatadas que o Camará tem como prerrogativa deslocamentos pela cidade, ocupar os bairros, as ruas, as escolas. Criar espaços de lazer, de convivência, de troca. E esse é um desafio que ao mesmo tempo potencializa as ações territoriais, enfraquece a manutenção de uma casa sede. E é paradoxal, porque estando a casa sede “caindo aos pedaços” em precariedade física, o Camará ganha mais forças para expandir suas ações nos territórios, nas comunidades, nas casas, nas praças, nas ruas.

Dessa forma, reconhecemos que este “não-lugar” fixado é o que possibilita a construção de diversos caminhos. Como bem nos traz Deleuze (1989) o território é pensado por ele e Guattari como uma construção provisória que se dá sempre em movimento, em relação a processos de desterritorialização e reterritorialização. Com a ajuda dos filósofos franceses podemos reconhecer no Camará essa relação de movimento constante, essa itinerância territorial. E este processo de desterritorialização e reterritorialização é desafio à medida que desloca, que ressignifica e o cerne da questão está em como acompanhamos estes processos de movimento: isso só é possível em um metodologia que permite e que se reconhece nessas aberturas.

A Metodologia Camará transborda para além das metodologias científicas e inventa mundos metodológicos, mundos de experimentações, criações, invenções políticas e sociais, novas formas de estar no mundo, abrindo possibilidades de criação de novos territórios existenciais. O Camará se reconhece em uma metodologia inventiva, com uma aposta política de abertura de possíveis em nossos cotidianos.

“É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.”
Manoel de Barros

Referências

DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. 1989. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>>. Acesso em 26 maio 2015

FRANCO, S. de G. *O brincar e a experiência analítica*. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, Junho. 2003

JÚNIOR, H.R.C. Espinosa: Alegria e Inteligência. *Revista Alegrar*, n05, 2008. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/05/TEXTOS_A_05/Espinosa.pdf. Acesso em: 25 maio 2015

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicol. Estud.*, Maringá, v. 6, n. 1. 2001

LIMA, E. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: FIGUEIREDO, A.C. & COSTA, C.M. *Oficinas terapêuticas em saúde: sujeito, produção e cidadania*. Coleções IPUB, Contra capa, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/oficinas.pdf>

PASSOS, E. BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Orgs: Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia - Porto Alegre: Sulina.2009

SHAPIRO, J; GOLDBERG, B.Z.; BOLADO, C. *Promessas de um Novo Mundo (Promisses)* [Filme]. Produção de SHAPIRO, J; GOLDBERG, B.Z, Direção de SHAPIRO, J; GOLDBERG, B.Z.; BOLADO, C. , Estados Unidos, 2001, cor. 35mm. 105 min, som.